

TEXTO E ARTES VISUAIS: A PINTURA COMO FERRAMENTA PARA A INTERPRETAÇÃO TEXTUAL

Edna Ranielly do Nascimento Fernandes¹

RESUMO

Este estudo investiga a relação entre pintura e texto literário e busca demonstrar como a arte visual, especificamente a pintura, funciona como uma importante ferramenta de interpretação textual. A partir de pesquisas bibliográficas e da pesquisa exploratória e qualitativa em sala de aula com alunos entre 11 e 15 anos, realizamos uma oficina de pintura e interpretação de texto. Durante a oficina, os alunos foram incentivados a interpretar os poemas “No meio do caminho” de Carlos Drummond de Andrade e “Canção do exílio” de Gonçalves Dias e descrever os sentidos interpretados através da pintura. Os resultados mostraram que, embora os alunos não tenham ultrapassado o sentido literal dos textos, a pintura revelou ser uma ferramenta útil para avaliar a interpretação textual. O estudo conclui que a pintura, como forma de arte comunicativa desde a pré-história, pode ser uma alternativa válida e inovadora para a interpretação textual, contrapondo-se aos métodos tradicionais de ensino.

Palavras-chave: Pintura; texto literário; interpretação textual; sentidos; métodos de ensino.

INTRODUÇÃO

As artes, ao longo dos anos, têm se entrelaçado de tal forma que, atualmente, observamos uma estreita relação entre a pintura e o texto literário. No entanto, o estudo dessa relação ainda é bastante limitado. Assim, este trabalho visa demonstrar, por meio da experiência a ser relatada, que Literatura e Pintura podem ser abordadas em um mesmo plano temático.

Utilizaremos como aporte teórico Koch (2007), que explora a leitura e compreensão textual sob aspectos interacionais da língua; Marcuschi (2008), que aborda os gêneros textuais; Santaella (2007), com sua abordagem sobre Semiótica; e Strickland (2002), que apresenta um panorama das artes desde a pré-história até o pós-modernismo, incluindo a fase medieval. Para uma melhor compreensão, o estudo será dividido em três partes, além destas considerações iniciais. No segundo tópico discorreremos sobre os materiais e métodos utilizados, na terceira parte apresentaremos

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE virtualedna8@gmail.com.

os resultados e discussões e por fim, dissertaremos as conclusões do estudo bibliográfico e da pesquisa em sala.

Em suma, o objetivo deste trabalho é relatar uma experiência vivenciada no município de Lagoa de Dentro-PB, a partir da oficina de pintura promovida para alunos entre 11 e 15 anos. Ao mesmo tempo, busca-se discutir, através dessa experiência, como a pintura pode auxiliar os alunos nas interpretações dos textos estudados.

METODOLOGIA

A princípio, o primeiro método utilizado foi a pesquisa bibliográfica e como metodologia para a experiência utilizamos a pesquisa exploratória e qualitativa em sala de aula. Esta era composta por públicos diferenciados conforme a faixa etária (11 a 15 anos). Inicialmente foram disponibilizados aos alunos dois poemas: “No meio do caminho” de Carlos Drummond de Andrade e “Canção do exílio” de Gonçalves Dias.

Na segunda etapa, os alunos foram incentivados a transpor para o papel suas impressões sobre os poemas. O diferencial da aula foi o método de expressão dessas impressões, posto que, ao invés de utilizar a escrita tradicional, os alunos utilizaram a pintura. Este método, além de ser inovador, permite analisar e avaliar o nível de interpretação textual dos alunos. Isso não significa que a escrita deva ser deixada de lado, mas que existem outros caminhos para avaliar a interpretação de um texto.

A terceira etapa consistiu na análise dos desenhos elaborados pelos alunos, associando-os aos textos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Strikland (2002) revela que a arte surgiu há mais de 25 mil anos e foi manifesta em diferentes esferas, a mencionar “as pinturas em cavernas e as grandes arquiteturas”. Ao longo dos anos, a arte recebeu influência de diferentes povos, como os egípcios, que valorizavam os hieróglifos em paredes e as esculturas associadas à adoração extrema ao grande faraó e os gregos, que atuavam com a pintura em cerâmica na fase da arte geométrica e as belas esculturas dos deuses no período clássico, além do grande teor artístico produzido por Roma, geralmente associado à política.

Na Idade Média, por sua vez, surgem novas concepções artísticas relacionadas à religiosidade predominante na época.

Enfim, o panorama artístico desenvolvido nessas diferentes épocas serve como base para mostrar que a pintura, desde a época mais remota, tem a finalidade de comunicar algo, mesmo sem a utilização da linguagem verbal. As pinturas antigas em paredes eram reflexos das crenças em determinados deuses, as pinturas em cerâmica na Grécia remetiam as histórias dos heróis ou deuses gregos, assim como as festividades realizadas no país. As estátuas, produzidas pelos gregos, tinham como finalidade revelar os ideais clássicos da própria civilização. Já o império Romano objetivava revelar todo o poderio e conquistas através das artes. Na Idade Média, por sua vez, toda arte estava associada aos ideais cristãos. Conclui-se, portanto, que a pintura não ocorre jamais de forma incomunicável.

A pintura é um dos objetos de estudo da Semiótica, já que como afirma Santaella (2002), o século XX foi palco de duas ciências que cresceram mutuamente, a Linguística, que tem como objeto de estudo a linguagem verbal, e a Semiótica, que se interessa por qualquer tipo de linguagem. Nesta última, a pintura pode ser inserida, pois comunica e estimula diferentes compreensões. Segundo Marcuschi (2008, p.229) “compreender bem um texto não é uma atividade natural nem uma herança genética; nem uma ação individual isolada do meio e da sociedade em que se vive. Compreender exige habilidade, interação e trabalho”.

Esse pensamento nos faz compreender que o texto não é algo decifrável através de meios naturais, ou uma espécie de “dom” que é transmitido de uma geração a outra, mas algo extremamente interligado à sociedade, e ao processo interativo.

A pesquisa mostra esta relação social e interativa na produção da compreensão de determinados textos. Observou-se que entre 10 a 15 alunos que compunham a turma, todos desenharam e pintaram uma pedra como representante das suas impressões sobre o poema de Drummond. Não obstante, as pedras apresentavam cores e formatos diferenciados. Alguns inseriram mais detalhes, outros não. Houve aqueles que optaram por desenhar a pedra no meio de uma estrada de barro e outros num asfalto. Quanto ao texto de Gonçalves Dias, foi unânime a escolha do Sabiá e da palmeira como objetos representativos da sua interpretação. Alguns recursos foram ignorados, tanto no primeiro, quanto no segundo poema. Koch (2007) contribui com o estudo sobre a

compreensão textual, ao afirmar que recorremos a quatro conhecimentos dentro da perspectiva interacional, o qual nos interessa apenas o Ilocucional.

O conhecimento ilocucional “permite-nos reconhecer os objetivos ou propósitos pretendidos pelo produtor do texto, em uma dada situação interacional” (KOCH, 2007 p.46). Presume-se diante de tal afirmação, que os alunos não conseguiram detectar o verdadeiro objetivo de Drummond e Gonçalves Dias, por isso, reduziram o texto ao sentido literal, este, segundo Marcuschi (2008, p.284) “nada mais é que um sentido básico que entendemos quando usamos a língua em situações naturais”. Entende-se que o aluno limita-se a uma interpretação superficial. Para ultrapassar os limites da superficialidade é necessário recorrer à inferência. Observou-se que os alunos analisados apresentaram no dado momento da pesquisa, processos de inferência ainda imaturos. Marcuschi (2008, p.240) nos propicia um conhecimento maior sobre a inferência ao afirmar que:

Uma inferência é a geração de informação semântica velha num dado contexto. Na realidade, as inferências na compreensão de texto são processos cognitivos nos quais os falantes ou ouvintes, partindo da informação textual e considerando o respectivo contexto, constroem uma nova representação semântica.

Este recurso permite trabalhar com aquilo que não foi dito explicitamente no texto, mas que a partir do seu contexto é possível detectar. A falta da busca pela ilocução e inferência fez com que todos os alunos se enquadrassem numa compreensão sem horizonte, aquela que apenas repete o que está no texto “a pedra, o Sabiá e a palmeira”, não alcançando assim o horizonte máximo “a pedra como símbolo de obstáculos na vida do eu-lírico”, “alguém em várias situações tropeçando em uma pedra”, ou ainda, “desenhar alguém saudoso, representando a saudade do eu-lírico pela terra natal em Canção do exílio”, ou até mesmo “desenhos representando a natureza exuberante em detrimento de uma não tão bonita etc.” Estas são algumas interpretações possíveis, visto que, existem inúmeras outras a serem produzidas.

Mesmo em meio aos entraves encontrados, podemos citar algo positivo. Isto é, os alunos, mesmo sem atingir o horizonte máximo, também não se situaram nos horizontes indevidos, ou seja, não interpretaram elementos que fogem do texto.

Afinal, foram representadas pedras de variadas cores e formatos, além do ambiente que variou entre uma impressão e outra. Portanto, conclui-se que o elemento pedra se fez presente em todas as interpretações relacionadas ao primeiro poema, assim como o sabiá e a palmeira fizeram-se presentes nas pinturas relativas ao texto de Gonçalves Dias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura através dos processos inferenciais e ilocucionais ainda são difíceis de serem alcançadas no contexto escolar, devido à visão limitada que o aluno tem sobre o texto. Contudo, foi possível constatar a contribuição da pintura como elemento de avaliação na interpretação textual dos alunos.

Através da pintura expressa por cada integrante do grupo, constatou-se que ambos ainda não conseguiram ultrapassar o sentido literal do texto. Isto indica que novos caminhos devem ser percorridos e que nem sempre faz-se necessário utilizar meios escritos para alcançar determinados resultados.

A pintura é uma forma artística que, apesar de não fazer uso das letras, tem a sensibilidade de comunicar desde o período pré-histórico. Este, definitivamente não é o único caminho para detectar os limites interpretativos presentes na escola, mas com certeza, é um forte concorrente em detrimento de outras ações já desgastadas e que por muito já não surtem tanto efeito.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. No meio do caminho. Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/>> Acesso em 10 de Junho de 2023.

DIAS, Gonçalves. Canção do exílio. Disponível em: < <http://www.horizonte.unam.mx/> > Acesso em 10 de Agosto de 2023.

KOCH, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. Ler e Compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 3. Parte, 228-279.

SANTAELLA, Lúcia Pimenta. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 2007.



STRICKLAND, Carol. Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno. Rio de janeiro: Ediouro, 2002, p. 01-37.